

UM DIA ATÍPICO, CHUVA E DELÍRIO ¹

Cristina MARGON²

Thais Helena da Silva LEITE³

Erly VIEIRA JR⁴

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Trabalho para a disciplina de Planejamento e produção de set, cuja proposta consiste na criação de um curta metragem de três a cinco minutos, a partir do roteiro “Um dia atípico, chuva e delírio”, busca surpreender esse espectador tão disperso da mídia digital, com uma estória insólita, mas que tem fortes elementos audiovisuais (cores quentes, trilha sonora alegre) e ao mesmo tempo fazer um filme sem diálogos falados, que remete às memórias fílmicas sobre palhaços e que contraditoriamente não é uma produção de humor e sim um produto audiovisual que procura suscitar o sentimento de estranhamento.

PALAVRAS-CHAVE: curta; chuva; produção; delírio; mídia digital.

1 INTRODUÇÃO

Na disciplina de Planejamento e produção de set, foi proposto a criação de um curta metragem de três a cinco minutos; para tanto formou-se um grupo de seis pessoas. O roteiro escolhido foi “*Dia Atípico, chuva e delírio*”.

O roteiro conta a história de um casal de artistas de rua que, junto com seu filho, o menor palhaço do mundo, fazem apresentações circenses numa praça. O roteiro foi inspirado no conto de Julio Cortázar chamado “*A Auto-estrada do Sul*”, parte do livro “*Todos os fogos o Fogo*”.

A ideia central é transmitir a sensação nonsense do claustrofóbico, ou seja, na apresentação circense só o palhaço na perna de pau sabe que a praça está lotada e que ninguém pode se

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria VI - Rádio, TV e Internet, modalidade RT 05 Produção Audiovisual para mídias digitais (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social: Audiovisual, na Universidade Federal de do Espírito Santo, e-mail: cristinapbmargon@gmail.com.

³ Thais Helena da Silva Leite é do 5º. período do curso de Comunicação Social: Audiovisual, na Universidade Federal de do Espírito Santo e bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq, e-mail: thaisprof.es@terra.com.br.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social: Audiovisual, e-mail: erlyvieirajr@gmail.com.

mexer. A plateia envolvida sobremaneira na apresentação, além de não se aperceber de sua situação, entra em estado de êxtase coletivo quando começa a chover. Após a chuva, como se nada tivesse acontecido, as pessoas que assistiam à apresentação viram as costas e vão embora.

Para a realização do filme, foi definido que Carolini Covre seria a diretora; Nayana Neves a diretora de fotografia; Ana Oggioni faria o som direto e a edição de imagem; a roteirista Thaís Helena Leite assumiu também como primeira assistente de direção; Alexandre com a assistência de produção e Cristina Margon foi a produtora e editora de som.

2 OBJETIVO

O objetivo inicial era fazer com que o roteiro fosse filmado o mais fielmente possível. Devido às dificuldades que causaram alterações em sua estrutura, ficou claro para todos os integrantes que o importante era manter a essência da ideia proposta no roteiro. O curta teve o objetivo de transmitir a proposta inicial de um acontecimento incomum em um ambiente aparentemente ordinário, mas focando no que a situação provocaria no espectador.

3 JUSTIFICATIVA

As adaptações do roteiro foram com o intuito de viabilizar ao máximo a produção do filme.

A proposta de fazer um filme para mídia digital é entendendo que o ciberespaço cria a possibilidade de novas narrativas, ou seja,

quando se cria um suporte técnico de produção de informação, dá-se início a provocações no imaginário social que permitem novas experiências emocionais e ontológicas, gerando uma reorganização do imaginário e da produção narrativa. (NASCIMENTO, 2011, p.1)

O filme pretende buscar esse espectador fugaz do dia a dia, que está no seu quarto, ou em qualquer parte da sua casa; que está na rua ou na escola ou no trabalho; que verá um filme curto, porém maior que uma propaganda. Experimentar, mensurar, se possível surpreender esse espectador tão disperso da mídia digital, com uma estória insólita, mas que tem fortes elementos audiovisuais (cores quentes, trilha sonora alegre) e ao mesmo tempo fazer um

filme mudo, que remete às memórias fílmicas sobre palhaços e que contraditoriamente não é uma produção de humor e sim procura suscitar o sentimento de estranhamento

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No curta metragem foi utilizado muitos planos fechados para causar a impressão de claustrofobia e dar a ilusão de que o público fosse uma “multidão”. A trilha sonora foi o método escolhido para ressaltar a emoção dos palhaços e o clima de tensão ocasionado pelo evento. Como o ênfase é na reação dos personagens em volta do acontecimento, a câmera na mão foi a opção para uma instabilidade emocional gerada no momento.

Para os protagonistas era necessário um ator que dominasse a perna de pau, portanto, o grupo convidou um artista com experiência em arte circense e sua esposa. Quanto à criança, o roteiro especificava uma de 5 anos, devido sua desenvoltura, escolhemos uma de 10 anos.

Para a figuração, criamos um grupo em uma rede social e, durante duas semanas, entramos em contato com uma média de 60 pessoas para fomentar o clima de participação.

Quanto aos equipamentos o grupo já possuía a quantidade de câmeras necessárias (3Ti da Cannon, para a filmagem e para o making off), iluminação (dois refletores e um rebatedor) e um tripé. Para o áudio foi feito empréstimo de um H4 com o departamento do curso.

Como a decupagem propunha, os planos eram na maioria fechados, por conta da ideia de multidão (tendo um número reduzido de figurantes) e de claustrofobia, por isso a lente utilizada foi uma fixa 50mm. Outra dificuldade foi a mudança natural da luz, principalmente a partir do meio dia, quando a luz do sol fica mais forte. Devido a esse fator, a Igreja do Rosário não apareceu no filme, como era pintada de branco, acabou estourando a imagem. Objetivávamos incluir esta igreja na filmagem, por ser um cartão postal da cidade, e desta forma, imprimir no espectador a imagem da cidade de Vila Velha/ES.

Foi providenciado uma caixa de produção com fitas, extensões, tesouras, barbante, tecidos. Arranjamos também três escadas para planos que seriam filmados do alto, já que o personagem principal usou uma perna de pau. Fora isso conseguimos também claquete e o megafone para a organização do set.

Quanto às despesas, foi decidido em grupo a composição de um caixa, cada integrante contribuiu com R\$ 20,00, totalizando um caixa de R\$ 120,00, porém o valor final ultrapassou, sendo R\$220,60 e cada um deu mais uma quantia de R\$16,75.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a cena interna a produção precisou providenciar apenas água e café da manhã, visto que a filmagem foi prevista para acabar ao meio dia. Quanto à mobilização foi decidido que alguns integrantes dormiriam na locação para evitar atrasos e quem tinha carro próprio foi de manhã; os atores principais, Shita e Deby que moram próximo da locação, foram a pé.

A direção de fotografia providenciou para o primeiro dia, uma iluminação artificial com dois spots de luz difundidas, um virado para o teto e outro para o espaço cenográfico com difusor, para dar o aspecto de luz da manhã, com um ar intimista, visto que a locação deve passar a ideia de quarto dos personagens. O problema encontrado pela direção de fotografia foi o excesso de luz externa, resolvido com um pano azul marinho que simulava uma cortina.

Para a locação interna foi escolhida a casa de um dos participantes (a diretora de fotografia) porque originalmente era próxima da locação externa (praça do Carmo) e ela já possuía os objetos de cena necessários (principalmente a penteadeira para o quarto dos personagens).

Pensava-se para o primeiro dia uma trilha sonora original, porém para prevenção de problemas posteriores foi gravado som ambiente. O set terminou com um pouco de atraso, mas independente disso, o resultado foi satisfatório, conseguimos alcançar as metas do dia.

Quanto à praça (locação externa- 2º.dia), a prefeitura de Vitória –ES exigiu um pagamento para que pudéssemos usá-la, por isso o grupo escolheu outra locação externa, no município vizinho, Vila Velha, mas dentro da mesma região metropolitana, em função da menor burocracia para consegui-la e que também atendia a proposta estética do filme. Ou seja, a presença de árvores poderia colaborar com fundo escuro necessário para que a chuva artificial ficasse nítida na câmera. Após a escolha da locação, contatamos a polícia local para efetuar a segurança no dia. Para a chuva artificial, considerado pelo grupo o elemento

principal do roteiro, fomos em busca do apoio do corpo de bombeiros, que, gentilmente enviou um caminhão com um sargento e um soldado para o teste e para o dia da filmagem.

Quanto ao deslocamento atores principais para o 2.dia, estes foram com carro próprio, uma Kombi do “Circo Miúdo” com os seus acessórios, necessários para a caracterização dos personagens. O café da manhã foi marcado na própria locação, o lanche para os figurantes foi feito no dia anterior e no que se refere ao almoço, a produção visitou os restaurantes próximos da locação e acertou as marmitas e mesas que foram colocadas na própria locação (reservou-se um espaço de QG e outro para a realização das cenas). A produção pagou o almoço dos atores e da equipe; já os figurantes cada um arcou com suas despesas.

No segundo dia de filmagem, como era esperado, surgiram mais dificuldades. Estava planejada a filmagem de dezessete planos e mais alguns takes de apoio. Porém, o set atrasou e a gravação que estava marcada para as 8h da manhã começou as 10h. Outro problema enfrentado pela produção foi a falta de figurantes, dos 60 confirmados, 20 foram, porém, não permaneceram todo o tempo no set. A atriz mirim passou mal e não pode ficar no set por muito tempo. Todos esses problemas exigiram uma mudança na ordem do dia, na decupagem e posteriormente na edição.

A direção decidiu filmar todos os planos com a plateia até que a atriz melhorasse. Como sua volta para o set levou algumas horas, foi necessário suprimir sua aparição em algumas cenas - o que resultou em sérios problemas na montagem - e sendo assim, gravar as cenas apenas com o casal de palhaços.

Como foi dito anteriormente, a praça do Rosário foi dividida em duas partes, uma para os materiais de produção, equipamentos, água, lanche e figuração e outra para a filmagem da cena. A produtora e seu assistente ficaram responsáveis pela proteção do espaço, fato que exigiu muito da equipe, pois, a locação era próxima do Eames (escola de aprendiz de marinheiros-ES) e era folga deles (total de 4000) portanto, a gravação precisou ser interrompida em vários momentos até que o fluxo de pessoas caísse. Como o filme trazia a ideia de multidão, tentamos fazer alguns takes de apoio e também convidar as pessoas para participarem da figuração.

Devido à luz, a fotógrafa e a diretora mudaram no dia o local de filmagem da praça; anteriormente nos testes havia decidido gravar atrás da igreja, mas mudamos para a frente

desta. Devido a mudança, a produção teve que mudar o planejamento e encontrar um novo lugar de apoio que fosse mais acessível. Ao invés dos dois bares de apoio com banheiro e um restaurante, foi decidido que o restaurante ao lado poderia servir para tais finalidades.. Após negociar com o dono, conseguimos um desconto na marmitex, um banheiro para uso e um lugar para que fossem recarregadas as baterias da câmera.

A equipe de som encontrou dificuldades no trabalho do segundo dia. Como a locação tinha muita interferência de sons e o tempo para a gravação das cenas era pequeno, o áudio de grande parte das cenas não foram gravados. A solução foi pensar em uma edição de som mais elaborada na pós produção e também uma trilha sonora.

Outro ponto importante na fotografia foi a realização da cena da chuva. Como o a equipe já havia feito uma visita a locação dois dias antes para a realização de um teste junto com os bombeiros, a realização da cena foi facilitada, visto que o local já era conhecido e a cena foi realizada no mesmo horário do teste (já havia uma noção da iluminação do horário). A cena da chuva ficou como última do dia, visto que os figurantes ficariam molhados. Na pós produção, o grupo se dividiu para a edição (equipe de fotografia e direção) e a produção providenciou o fechamento dos gastos.

Após o primeiro corte, o grupo entrou em contado com alunos do curso de Música e Trilha Sonora para a elaboração de uma trilha original e os outros áudios foram produzidos e editados pelo grupo.

O filme passou por dois cortes até ser finalizado. O primeiro corte foi para uma montagem bruta, e o segundo para os créditos e para aperfeiçoamento dos cortes, principalmente os da cena da chuva. Após a finalização do filme, foi decidido que o filme receberia um novo nome, o escolhido foi “Um dia atípico, chuva e delírio”.

6 CONSIDERAÇÕES

Entendendo que para realizá-lo, tivemos um prazo muito pequeno e que tínhamos que executá-lo com um pequeno caixa, o trabalho resultou em uma grande experiência para os realizadores e conseguiu manter sua essência apesar de todas as dificuldades que surgiram. Como diz Virginia Jorge, professora de Roteiro, “quando não se tem dinheiro, disponibiliza-se tempo”.

Foi um excelente aprendizado em como se produzir um filme com interna e externa, dando um embasamento sobre as lidas no ambiente público (prefeitura, corpo de bombeiros, quartel da polícia) e, portanto, o desafio aceito pelo grupo de realizar um roteiro de tamanha proporção sem verba, teve um resultado maior do que o esperado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹CORTÁZAR, Julio. *Todos os Fogos o Fogo*. “A Auto-estrada do Sul”; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

NASCIMENTO, Daniel Monteiro do. Mídias digitais e novas narrativas: transcinemas, games, ciberfilmes e outras histórias in <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1935-1.pdf>> acessado em 15 de maio de 2013.